



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – IH**  
**Departamento de História – HIS**

LETÍCIA GUIMARÃES MIRANDA

**“UMA CIDADE ESQUECIDA:  
A VILA AMAURY E SEUS MORADORES”**

BRASÍLIA  
2023

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Tiago Luis Gil — Orientador**

**Universidade de Brasília — UnB**

---

**Prof. Dr. Mateus Gamba Torres**

**Universidade de Brasília — UnB**

---

**Prof. Me. Diego Martins dos Santos**

**Universidade de Brasília — UnB**

## **Introdução**

O objetivo deste artigo é apresentar o comércio e os moradores da Vila Amaury, quais eram seus estabelecimentos, quais os tipos de trabalho formal e informal que tinham na Vila, o que aconteceu com a população quando o Lago Paranoá encheu, para onde foi grande parte da população e quais as atividades de socialização desses moradores. O objetivo é falar sobre os trabalhadores em geral, apesar de caber muitas reflexões sobre o trabalho feminino, sobre raça, saúde, habitação, etc. Aqui será falado sobre quem ocupava a vila no dia a dia, quando os operários saíam, quem ficava na vila? Trata-se, assim, de uma história social de uma comunidade.

Existem muitas possibilidades de pesquisa sobre aqueles cujo sustento estava na Vila Amaury, um destes são os comerciantes, destaque deste artigo, mas havia em funcionamento uma escola com uma comunidade estudantil relevante; mulheres que precisavam garantir sustento para si e seus filhos. O lazer também é importante na vida dessas pessoas que não tinham muita coisa para viver. Essa população morava em uma invasão na cidade que estava sendo construída e foram apagados da história de Brasília. Quando as águas do Lago Paranoá começaram a subir, a Vila Amaury foi completamente apagada do mapa de Brasília. No dia 12/09/1959 foi o início do fim da Vila Amaury.

## **Quem era a população brasiliense?**

No livro “Brasília: ideologia e realidade”, Ferreira faz uma análise sobre os problemas habitacionais no Brasil, Brasília enfrentou e ainda enfrenta um gravíssimo problema com habitação e invasões. Havendo inclusive ações governamentais de controle de invasões (IAPI), nesse contexto conturbado, de construção da capital do Brasil, que surgem no Distrito Federal várias invasões como a Cidade Livre, a Vila Paranoá e a expressiva Vila Amaury, que devido à sua localização foi completamente submersa na construção do Lago Paranoá, deixando para trás histórias de milhares de trabalhadores, tanto da construção civil, como do comércio, do trabalho informal como as lavadeiras de roupa e aqueles que prestavam serviços básicos como na saúde e educação.

Como muito bem explica Ferreira<sup>1</sup>, a história de Brasília é transpassada por diversas políticas federais criadas no séc. XX para a ocupação do centro-oeste, como no governo Vargas que foi construída uma ferrovia entre Goiânia-Anápolis, que buscava tornar a região ligada ao sudeste e ao norte para o escoamento da produção agrícola aos portos no litoral. A região centro-oeste se tornou mais atrativa para os migrantes das demais regiões, que procuravam oportunidade de emprego principalmente na área da agricultura. O objetivo principal era que Brasília se tornasse um ponto de conexão entre o Norte e o Sudeste, para escoamento da produção. Na década de 1950, a segunda metade do séc. XX, iniciou o projeto de industrializar o Brasil, com pequenos centros urbanos a fim de povoar o centro-oeste com os migrantes. No governo Kubitschek a proposta consistia em levar a capital para o planalto. No livro “Brasília: moradia e exclusão” o autor Aldo Paviani<sup>2</sup> analisa as políticas de moradia implementadas no Brasil no período de construção de Brasília e as consequências da ditadura nessas políticas públicas.

Ferreira levanta que acontece no Brasil nesse momento, da década de 1950, uma grande necessidade de expandir economicamente, tanto na área da indústria quanto na agricultura e a criação de Brasília era atrativo tanto para a criação de novos empregos para as massas que migraram e ficaram inoperantes, com o excesso de mão de obra no campo. Havia então em Brasília a terceirização da economia e com a construção de Brasília o mercado na região centro-oeste se tornou bastante atrativo para, principalmente, o nordeste. Havia então um mercado movimentado pela construção civil, comércio e pelo trabalho informal.

“A década de 1950, quando se dá início a construção da cidade, marca a posição da indústria como motor e centro dinâmico da economia nacional e de sua expansão. Isso significou transformações na ordem social com aprofundamento da divisão do trabalho; novas diferenciações sociais; criava-se um proletariado urbano propriamente dito e novas classes trabalhadoras urbanas não operárias dedicadas à atividade de produção e de serviços.”<sup>3</sup>

Em Brasília foram criados os acampamentos para os trabalhadores da construção civil, Ribeiro<sup>4</sup> mostra a configuração desses acampamentos e a segregação de acordo com o posto ocupado pelos trabalhadores. A realidade dos “peões” de obra era de um alojamento cheio,

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Ignez Costa Barbosa. O processo de Urbanização e a produção do espaço metropolitano de Brasília. In: BICCA, Paulo; PAVIANI, Aldo. Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, SP: Projeto Editores Associados, Brasília, DF: CNPq, 1985. p. 43-56.

<sup>2</sup> PAVIANI, Aldo. A metrópole terciária. In: BICCA, Paulo; PAVIANI, Aldo. Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, SP: Projeto Editores Associados, Brasília, DF: CNPq, 1985. p. 57-80.

<sup>3</sup> FERREIRA, Ignez Costa Barbosa. O processo de Urbanização e a produção do espaço metropolitano de Brasília. In: BICCA, Paulo; PAVIANI, Aldo. Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, SP: Projeto Editores Associados, Brasília, DF: CNPq, 1985. p. 68

<sup>4</sup> Ribeiro. Gustavo Lins. O capital da esperança. 2008, editora UNB.



dividido por muitos e com falta de higiene. O objetivo da criação desses acampamentos era fazer com que os trabalhadores não se espalhassem por toda Brasília, procurando solucionar também o problema de moradia, que naquele momento era uma grande questão do estado, que foi competido à NOVACAP. Apesar dos esforços para criar acampamentos para os operários desabrigados, ainda existiam em Brasília diversas invasões de trabalhadores, em variados locais no território do Distrito Federal.

A escalada do número de habitantes em Brasília, crescia exponencialmente ano após ano, em sua tese, Angelina Berçott<sup>5</sup> apresenta os dados (Imagem 1) desse crescimento baseado no SENSO IBGE 2015. Vale ressaltar que é de suma importância falarmos sobre o grande papel dos acampamentos na história dos trabalhadores, suas famílias e nas políticas públicas do Distrito Federal.

**Imagem 1: Tabela sobre o crescimento populacional no DF.**

<b>Crescimento do Distrito Federal entre os anos 60 e 2010</b>		
<b>1960</b>		
População Urbana		89.698
População Rural		52.044
<b>1970</b>		
População Urbana		524.315
População Rural		21.700
<b>1980</b>		
População Urbana		11.64.659
População Rural		38.674
<b>1991</b>		
População Urbana		1.513.470
População Rural		84.945
<b>2000</b>		
População Urbana		1.954.442
População Rural		88.727
<b>2010</b>		
População Urbana		2.482.210
População Rural		87.950
<b>2015</b>		
População total		2.910.000
<b>2017</b>		
População estimada		2.977.216

Fonte: Angelina Nardelli Quaglia Berçott. 2017

<sup>5</sup> Berçott, Angelina Nardelli Quaglia. História urbana da orla do Paranoá. 2017.

## **A vila**

Fundada no final de 1957, a vila Amaury surgiu inicialmente para acomodar os trabalhadores que estavam nos acampamentos das empreiteiras, mas com o fim de algumas obras essas pessoas ficaram desamparadas e recorreram à ocuparem onde seria futuramente alagado para a construção do Lago Paranoá. Uma favela formada por barracos, feitos de madeira e sacos de cimento, a Vila crescia rapidamente e tomava uma área expressiva fisicamente e também socialmente. Moravam ali milhares de pessoas, a vila tinha tamanha relevância que foi criada uma escola para a população, que era de responsabilidade da NOVACAP.

A Vila Amaury difere em várias questões com as demais vilas de trabalhadores de Brasília, sendo as mais conhecidas: Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante (Localizado à aproximadamente 15 km de Brasília), a Vila Planalto (Que foi erguida pela NOVACAP, como um acampamento todos que estavam ligados à construção da Esplanada e Praça dos Três Poderes), a Vila Paranoá, etc. Uma das principais características da Vila Amaury e que chama bastante atenção, é sua localização, pois em 12 de setembro de 1959 as comportas do Lago Paranoá foram fechadas, inundando onde existia a Vila.

Quando falamos sobre a Vila Amaury, falamos sobre as denominadas “invasões” em Brasília, que foi uma cidade planejada, não aconteceu em um processo orgânico de crescimento como outras cidades, Brasília deveria se tornar uma cidade modelo, a capital do Brasil. A Vila Amaury foi uma cidade que surgiu no centro de Brasília, apoiando-se nas necessidades dos trabalhadores das obras. O termo “invasão” é adotado aqui com o sentido de ser uma ocupação não planejada e indesejada, que estava no centro, um local que deveria ser “bonito” e “organizado”.

Ivany Neiva<sup>6</sup> no livro “Uma cidade encantada: memórias da Vila Amaury em Brasília”, retrata que apesar da existência dos acampamentos da NOVACAP, havia em Brasília sérios problemas de habitação “A primeira alternativa para esses migrantes sem-teto era montar moradias nas proximidades dos acampamentos das construtoras. Era das buscas de local de moradia, das remoções e das “invasões” que surgiam as vilas”. A orla foi uma das localidades que os trabalhadores procuraram para construir seus barracos, além da Vila Amaury, surgiu na orla do Lago Paranoá, a Vila Planalto (Imagem 3). Esta não foi submersa quando encheram o lago e se tornou destino de alguns moradores da Vila Amaury quando precisaram abandonar suas casas no alagamento. O senhor Walter Pereira Alves, engenheiro e

---

<sup>6</sup> Neiva, Ivany Câmara. Uma cidade encantada: Memórias da Vila Amaury em Brasília. 2017.

funcionário da NOVACAP, fala sobre a invasão na orla do Lago Paranoá e o problema de habitação, que era persistente em Brasília.

“Então formaram a Vila Amaury. Mas a Vila Amaury, formaram ela dentro do lago. Que era para (riso) quando o lago encher, aí o cara tem que sair. Esse problema de invasão... muito tempo, aqui no Distrito Federal. Desde lá do início, começaram em 57, essas invasões. Então fizeram a Vila Amaury, mas só que quando encheu, fizeram outra vila, uma Vila Planalto. Chegaram na UnB, Iate Clube, por ali assim”<sup>7</sup>.

A ideia dessas pessoas em procurarem a beira do lago para construírem seus barracos, é em detrimento da localização privilegiada, próxima aos canteiros de obras, principalmente ali na esplanada. Mas um fator de bastante importância é a presença de água. Brasília é uma cidade caracterizada pela estação da seca, com baixíssima umidade e temperaturas altas, naquele período Brasília era ainda um grande terreno descampado e com bastante poeira, há nas entrevistas comentários a respeito desse problema, quando Ângelo Tiemann<sup>8</sup> fala sobre a questão de segurança em Brasília, ele exemplifica que o maior perigo era “Você deixar um carro aí no meio da rua, aberto, o perigo era a poeira entrar dentro, quando chegar está tudo cheio de poeira.”

“Ela sublinha em grande parte de sua entrevista que tem boas lembranças da vida na Brasília empoeirada e que foi um privilégio vivenciar a fundação de Brasília com pessoas de diferentes classes sociais e vindas de todas as regiões brasileiras e de outros países, e que sente saudades de amigas que já morreram ou de outras, como Carmela Nin de Escuder”<sup>9</sup>.

Nas condições que se encontravam esses sujeitos, sem muitas condições de vida, pois ainda não existia saneamento básico, estar próximo à água era de extrema importância, pois não havia nenhum tipo de recurso para a população. Na região existia o Rio Paranoá e o Rio Bananal que serviram, para além de matar a sede e ajudar na higiene da população do acampamento, ajudou também na renda, como o trabalho informal das lavadeiras de roupas.

---

<sup>7</sup>Alves, Walter Pereira. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 44 p.

<sup>8</sup>TIEMANN, Nelson Ângelo. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1995. 2x p.

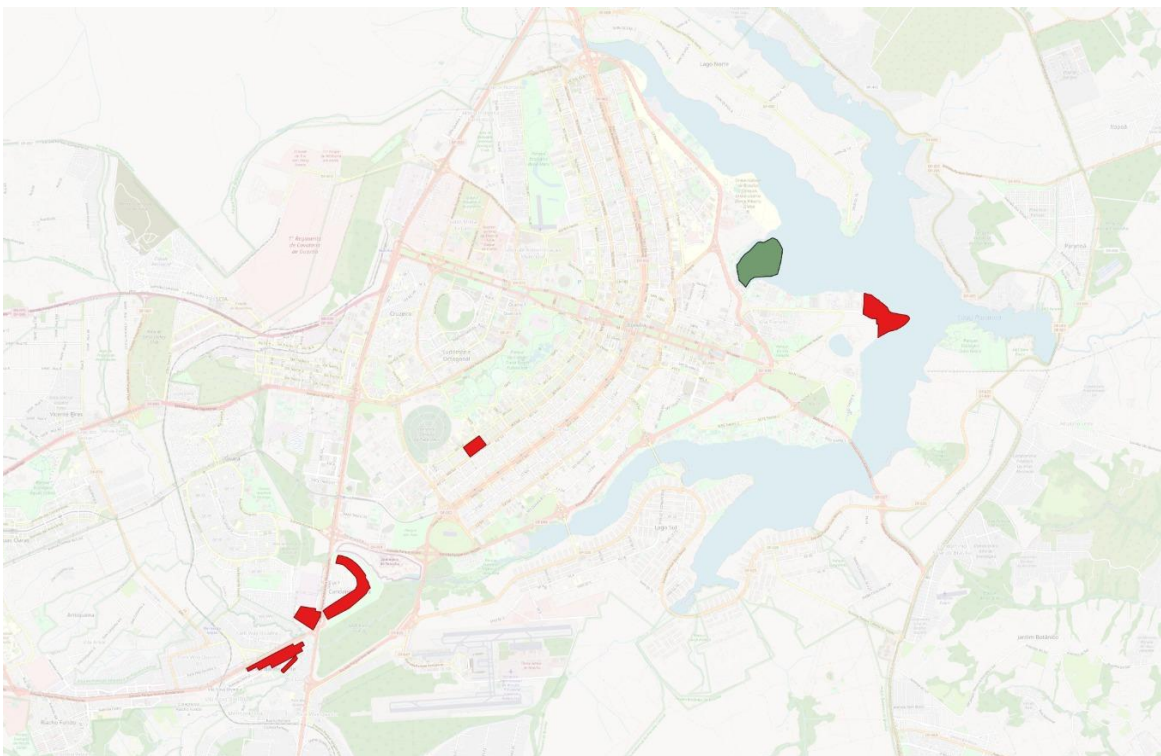
<sup>9</sup>MOURÃO, Tânia Fontenelle. Memórias Femininas da Construção de Brasília: Narrativas a partir do filme Poeira e Batom – A humanização do monumental (1957/1964) / Tânia Maria Fontenele Mourão – Brasília: UnB, 2022. 234 f.: il.

**Imagem 2: Canteiro de obras da Esplanada dos Ministérios em 1959. Canteiro de obras completamente descampado, é possível ver nuvem de poeira levantada pelos carros, não havia vegetação ao fundo é possível ver os ministérios em construção.**



Fonte: Ribeiro, Gustavo Lins. O capital da esperança, 2008.

**Imagem 3: Localização da Vila Amaury (em verde), com as áreas já ocupadas destacadas em vermelho (dados da Terracap).**

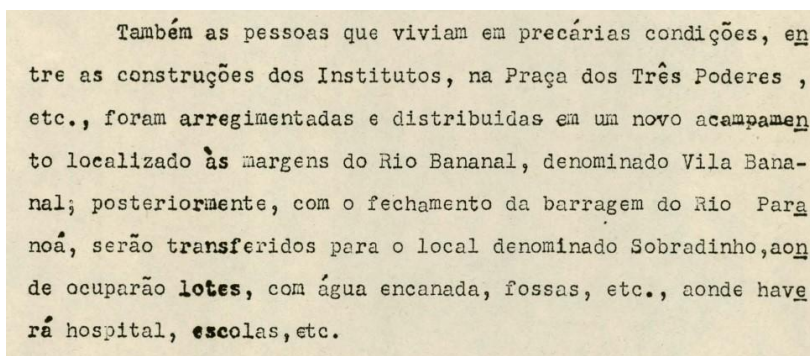


Fonte: Elaborado pela autora.

## O nome

Inicialmente chamada de Vila Bananal, nome que já se encontrava oficializado nos documentos do governo, bem como pela NOVACAP, como aparece nas pesquisas feitas no arquivo. Esse nome foi dado à vila por ter sido construída às margens do Rio Bananal que é uma das fontes de água que formam o Lago Paranoá.

### Imagem 4: Documento do departamento de educação e difusão cultural e o departamento de saúde da NOVACAP.



Também as pessoas que viviam em precárias condições, entre as construções dos Institutos, na Praça dos Três Poderes, etc., foram arregimentadas e distribuídas em um novo acampamento localizado às margens do Rio Bananal, denominado Vila Bananal; posteriormente, com o fechamento da barragem do Rio Paranoá, serão transferidos para o local denominado Sobradinho, onde ocuparão lotes, com água encanada, fossas, etc., aonde haverá hospital, escolas, etc.

Fonte: NOV-D-4-3-0039 (40)d. Arquivo público do DF.

Além de Vila Bananal, que foi o nome recebido pelo Governo e pela NOVACAP, a Vila foi nomeada de diversas outras formas por moradores da região, Vila Areia foi um dos nomes encontrados na pesquisa. No depoimento de Clementino Cândido<sup>10</sup>, um dos operários e o primeiro morador a construir seu barraco na Vila, ele cita “Vila Areia” para se referir à Vila inundada. “Então, aí a primeira que a Vila Amaury, começou a Vila Amaury não, primeiro chamava Areia, o primeiro barraco na Vila Areia quem fez foi eu com um cearense que era padeiro da firma, que até padaria nós tinha na firma, sabe?”

O acampamento recebeu também o apelido de “Sacolândia” pela população, o nome veio para se referir a invasão de forma pejorativa, pois a vila era formada por barracos feitos de sacos de cimento e madeira cedidas pelas empreiteiras e pela NOVACAP. Walter Pereira Alves e César de Trajano Lacerda contam um pouco sobre suas visões da invasão em suas entrevistas para o arquivo:

---

<sup>10</sup> CÂNDIDO, Clementino. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 27 p

“Era um mundo, passava, olhava, via aquela favela tremenda. Tudo de casa feita de saco de cimento. Sacolândia era ali. Aí, começaram a mudar, criaram, acho que alguém deve ter falado também da Vila Amaury?”<sup>11</sup>.

“E que conta a história que a pessoa escreveu uma carta, tinha uns escribas, ela falou: “Quero escrever uma carta prá minha mulher, ó eu queria que você viesse, eu já construí a nossa casa lá na Sacolândia, gastei 500 sacos de cimento.” Um casão, mas eram 500 sacos vazios de cimento, então isso eram as histórias que surgiam e que nós vivíamos essa história.”<sup>12</sup>

Finalmente o nome do acampamento mudou para Vila Amaury, homenageando um funcionário da NOVACAP, Amaury Almeida, que lutava junto aos moradores por direitos de habitação apropriadas para os trabalhadores, que aqui se submetiam à acampamentos com problemas de infestação de animais como ratos, percevejos e muitos outros, como Gustavo Lins Ribeiro colocou no livro “O capital da esperança” sobre o relato de um servente que morava no acampamento que hoje é a Vila Planalto:

“Rapaz, ali dava tudo quanto era tipo de peste: rato, percevejo, pulga, tudo quanto era tipo de imundiça você podia encontrar naquela época aqui em Brasília. Doença, eu vou te falar uma coisa, você nem imagina o quanto que a pessoa sofria sem saber o que é que tava sofrendo. [...] O cara morto de trabalhar, lavava só os pés, os braços, as mãos, o rosto. Coragem de tomar banho ele não tinha, porque era água fria. [...] Mas o cansaço era tão grande que ele trabalhava, dava tudo dele, o dia e a noite, o pedaço da noite. E o resto da noite o percevejo chupava o sangue dele.”<sup>13</sup>.

Os acampamentos erguidos, vigiados e controlados pelas empreiteiras deixavam muito a desejar quanto a organização e saneamento. O mesmo poderia se dizer da grande favela que foi a Vila Amaury, as pessoas que ali moravam já sabiam que o lago subiria e tomaria aquela área toda e a população seria realocada para outras cidades. Assim foi feito com a distribuição de lotes em cidades como Gama, Taguatinga e Sobradinho. Um dos trabalhadores, César Lacerda, conta sobre o objetivo de criar a Vila no centro de Brasília, o que é um pouco inesperado, já que haviam políticas incisivas relacionadas à invasões ainda mais em um local de grande visibilidade como o centro da capital e ainda mais em um local que seria em um futuro próximo alagado:

“Até que a Novacap então resolveu construir a Vila Amaury, que era aqui atrás dos ministérios, porque com isso ela tinha os operários mais perto das obras. E a ideia de construir ali, inclusive abaixo da cota mil, foi uma ideia do Israel Pinheiro, e ele dizia o seguinte: “Quando o lago fechar e a água subir, e isso vai acontecer proximamente à inauguração de Brasília, portanto os ministérios já devem estar

---

<sup>11</sup> AYRES, Walter Pereira. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 44 p.

<sup>12</sup> LACERDA, Cesar Trajano de. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 16p.

<sup>13</sup> RIBEIRO. Gustavo Lins. O capital da esperança. 2008, editora UNB.

prontos, a favela vai automaticamente ter que desaparecer." Só que isso não aconteceu exatamente como ele previa. À medida que a água ia subindo, quem tava lá embaixo, passava o barraco cá pra cima. E aí houve muito problema com cobra, picada, de garoto e menino que morreu, foi muito problema isso daí"<sup>14</sup>.

## **Os habitantes**

A Vila Amaury se tornou um acampamento bastante povoado, extenso e diverso. Neiva explica que grande parte dos trabalhadores de Brasília eram nordestinos e goianos, porém na documentação podemos encontrar também um grego e outro iugoslavo. Apesar de não conseguirem ter certeza da quantidade de moradores da vila, Vilas Boas<sup>15</sup> afirma que se aproximou dos quinze mil habitantes no apogeu do acampamento. É possível termos uma dimensão da ocupação a partir das imagens e documentações encontradas no Arquivo Público do Distrito Federal. Por ser uma Vila com as proporções de uma cidade, o comércio se fortaleceu de certa forma na vila, pois não havia a possibilidade dos moradores percorrerem 15 quilômetros até a Cidade Livre, dentre esse comércio encontramos muitos armazéns de secos e molhados, lojas de tecido e roupas, barbearia, restaurante e bar, etc. Esse fortalecimento da Vila Amaury trouxe para a população reconhecimento do estado, conquistando inclusive a criação de uma escola para atender moradores.

No arquivo público do DF, encontrei um relatório<sup>16</sup> sobre escolas e hospitais nas vilas do Distrito Federal, estes eram organizados e mantidos pela NOVACAP. A Vila Amaury, que está sendo chamada de Vila Bananal no arquivo, é uma das maiores escolas dos núcleos urbanos, não apenas em questão de estrutura, mas principalmente na quantidade de alunos matriculados, a escola chegou a ter funcionamento em três turnos, sendo a única escola com essa terceira oferta de turno em Brasília. Havia no total 480 alunos, divididos para três turnos e quatro salas de aula. Podemos enxergar a expressividade da Vila Amaury, através desses dados escolares, levando em conta que o acampamento era temporário e durou apenas entre 1957 a 1960, um período bastante curto e tendo em vista que Brasília era uma cidade que ainda estava em construção.

### **Imagem 5: Foto da Vila Amaury em 1959.**

---

<sup>14</sup> Lacerda, Cesar Trajano de. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 16p.

<sup>15</sup> Vilas Boas, Guilherme Silveira Braga. Navegando no Lago Paranoá: Brasília e seus moradores. UNB, 2016

<sup>16</sup> NOV-D-3-4(40)d. Arquivo público do Distrito Federal.





Autor: Paulo Manhães.

## Comércio

Uma vila com proporções de uma cidade, a Vila Amaury se desenvolveu também no comércio para atender as demandas de milhares de pessoas que não tinham acesso fácil às cidades maiores como a Cidade Livre, que ficava a uma distância de quatro horas caminhando. Como conta o operário Clementino Cândido: “Ah, mas aí depois que aquela população, aquela população muito grande, tinha de tudo aí você não precisava mais ir na Cidade Livre pra comprar nada. Tudo você teve.”<sup>17</sup>. Dentro de uma Vila de operários que era a grande maioria dos moradores da comunidade, pessoas simples e bastante humildes, aqueles que trabalhavam com o comércio eram um diferencial. É importante lembrarmos que, em um meio de bastante pobreza, que era a Vila Amaury, o comércio entre os barracos era sinônimo de uma condição de vida melhor que as demais, em detrimento da compra, da construção de um barraco para atender a clientela, etc.

No arquivo público do DF existem documentos que comerciantes pediam por um lote comercial no núcleo de Sobradinho, no ano de 1960, ano seguinte ao início do enchimento do Lago Paranoá. Com os dezesseis comércios encontrados nessa pesquisa já podemos ter um panorama do comércio na área. Sendo eles sete armazéns, também chamados de “secos e molhados”, duas barbearias, duas lojas de tecidos, uma loja de roupas feitas, uma loja de máquinas de costura e itens eletrônicos, uma padaria e um açougue.

---

<sup>17</sup> CÂNDIDO, Clementino. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 27 p.



Altino Francisco da Cruz<sup>18</sup>, brasileiro e casado em comunhão de bens. Detentor do armazém irmãos Souza e cia, que estava localizado na rua 4 lote 18 da Vila Amaury. O Senhor Altino é tido como pessoa muito honesta e trabalhadora dentre as testemunhas de seu requerimento de um lote comercial na cidade satélite Sobradinho, feito em fevereiro de 1960, pouquíssimo tempo depois do início da enchente do Lago Paranoá. Dentre as testemunhas de Altino temos acesso a informações de seus fornecedores que são: Industria e Comercio Boa Sorte localizado em Goiânia, Goiás e o outro “Irmãos Souza” com sede em Goiânia e filial em São Paulo.

Ibraim Bazzi<sup>19</sup>, brasileiro e casado. Dono de uma loja de tecidos, que estava localizada na rua 06, quadra 09, lote 1 da Vila Amaury, solicitou um lote comercial na cidade satélite Sobradinho em 07 de janeiro de 1960. Atestado de honestidade por Staoros Athanase Billis, de São Paulo, quite de suas mensalidades com a Associação de Comercial de Brasília, ao qual era sócio, confirmado pelo presidente Marinho Guimarães, Casa Jerusalém, pertencente a Farah Hanna Dahou e cliente do Banco Da Lavoura de Minas Gerais. Recebeu o lote número 03, CL-34, quadra 08.

João Lopes Pacífico<sup>20</sup>, que possuía uma padaria na terceira avenida, quadra 56, lote 6 da Vila Amaury. Foi cedido pela administração de Sobradinho o lote 3, da CL-44, da quadra 11. A solicitação foi feita em Janeiro de 1960, alguns meses depois de iniciarem o enchimento do lago. Sendo afirmado como pessoa honesta pelas testemunhas: Maria Alves Correa e o dono do armazém oeste, A. S. Araujo

Josafa de Souza Neto<sup>21</sup>, proprietário de um armazém na Vila Amaury, quadra 53, lote número 8, solicitou um lote na cidade satélite de Sobradinho em fevereiro de 1960. Entre suas testemunhas de ser honrado com seus acordos comerciais, encontramos seus fornecedores: Casa Manaus, com sede em Anápolis, Goiás e Casa Brasil LTDA localizada em Anápolis, Goiás.

Paolo Farina<sup>22</sup>, um italiano se aventurando pelas terras secas de Brasília, solicitou um lote comercial na cidade satélite Sobradinho, em janeiro de 1960, para dar continuidade no seu negócio de bar e armazém de secos e molhados chamado “Casa São José”, que estava anteriormente localizado na quadra 4, lote 31 da Vila Amaury. Recebeu um lote na quadra 3, CL-4, lote 1. Sendo freguês fixo do armazém Irmãos Souza & Cia, que confirmaram Paolo

---

<sup>18</sup> NOV-B-10-0117 (9)d

<sup>19</sup> NOV-B-10-0123 (18)d

<sup>20</sup> NOV-B-10-0195 (10)d

<sup>21</sup> NOV-B-10-0133 (2)d

<sup>22</sup> NOV-B-10-0210 (1)d

como freguês do armazém, recebeu também o título por Banco do Estado de Goiás, Banco de Crédito Real de Minas Gerais e Irmãos Koressawa LTDA. Enriqueta Barragan de Farina, esposa do Sr. Paolo, possuía uma casa de alvenaria no lote 48, conjunto A, quadra 07 de Sobradinho.

Antônio de Bragança<sup>23</sup>, casado com Maria José Silvério Bragança, possuía um salão de barbearia e artigos de perfumaria para barbeiros, tinha renda mensal de aproximadamente Cr\$ 200.660,00 (Duzentos mil e seiscentos e sessenta cruzeiros) e estava no lote 04 da quadra 28 da Vila Amaury. Cliente do Banco da Lavoura de Minas Gerais e freguês de Jurandir Alves de Carvalho e Elias Crisostomo Pereira, comerciantes do Núcleo Bandeirante. Tendo recebido o lote 03, CL-26B da quadra 08 de Sobradinho.

Antonio Raimundo de Oliveira<sup>24</sup>, detentor de um comércio de secos e molhados no lote 25, quadra 02 da Vila Amaury. Dono da firma “irmãos cearenses”, o qual é cliente do atacado de bebidas Nelson Ribeiro Guimarães e irmão, localizado na cidade do Núcleo Bandeirante e da “A Siriana”, comércio de secos e molhados, material de construção, ferragens e cimento. Cliente do Banco da Lavoura de Minas Gerais. Antonio recebeu em abril de 1960 o lote 03, da CL-19, quadra 05 da cidade satélite de Sobradinho.

Cirilo Sousa Murilo<sup>25</sup>, foi um carpinteiro que tinha um comércio de Armazém na Vila Amaury e recebeu certidão de solteiro para anexar ao processo de requerimento de compra de um lote na cidade satélite de Sobradinho, pois foi declarado errado o estado civil do mesmo. Cirilo recebeu a declaração de freguês do armazém Irmãos Souza e Cia, de Catherine Georges Constantogiari, Joaquim Ferreira Moura, Jorge Lino. Sendo assim concedido o direito de compra do lote 01, da quadra 08, CL-27-A para Cirilo.

João Fotios Paraskevoupoulos<sup>26</sup> (Em alguns documentos o nome aparece como Jean Photios Paraskevoupoulos, suponho que seja o nome original, enquanto o primeiro citado neste parágrafo seja “abrasileirado”), foi um dos estrangeiros que moravam na Vila Amaury, ele era grego e casado com a Senhora Catherine Jean Paraskevoupoulos. Dono de um comércio de roupas feitas, João foi declarado freguês pelos seguintes comércios: Lojas Riachuelo (filial de Brasília) e Banco da Lavoura de Minas Gerais.

Domingos Cordeiro do Vale<sup>27</sup>, brasileiro nascido em Urutaí, Goiás, casado com Luiza Siqueira do Vale. Foi dono de uma barbearia na Vila Amaury, localizada na quadra 28, lote

---

<sup>23</sup> NOV-B-10-0210 (18)d

<sup>24</sup> NOV-B-10-0200 (16)d

<sup>25</sup> NOV-B-10-0127 (16)d

<sup>26</sup> NOV-B-10-0194 (7)d

<sup>27</sup> NOV-B-10-0129 (30)d

04. Em janeiro de 1960 fez uma solicitação de um lote na cidade satélite Sobradinho, tendo firma reconhecida e atestado de freguês por Pedro José de Santana, Athenor Pereira da Costa, Banco Nacional de Minas Gerais, Irmãos Souza & Cia (filial São Paulo). Domingos recebeu o lote número 03, do trecho CL4-B, quadra 09. Em 12 de abril de 1963, Domingos morreu no hospital dos comerciários, por insuficiência respiratória, deixando esposa e dois filhos. Luiza Siqueira, estando viúva de Domingos, casou-se com Claro Lourenço de Souza em 22 de fevereiro de 1964, mudando seu nome para Luiza Siqueira de Souza. O lote passou para o nome de Luiza, que em 25 de outubro de 1965 abriu ali um comércio de bar e sorveteria.

Benedito Carlos de Oliveira<sup>28</sup>, brasileiro, casado com Antonia Izabel de Oliveira, doméstica e analfabeta, os dois eram moradores do Gama, mas possuíam comércio na Vila Amaury. Fez a solicitação de um lote em Sobradinho para dar continuação no ramo de venda de máquinas de costura e aparelhos eletrônicos, que estava localizado na Avenida Dr. Bernardo Saião Quadra 10 lote nº 1, da Vila Amaury. Declarado como freguês por Armazém Silva e firma reconhecida por Waldemar Alves de Magalhães. Recebeu o lote Lote número 01, da CL-24-B, da quadra 09 de Sobradinho, no valor de Cr\$ 120.000, 00 (cento e vinte mil cruzeiros).

Geraldo de Oliveira Filho & Wanderley M. de Oliveira<sup>29</sup>, irmãos, brasileiros e solteiros. Donos da firma Irmãos Oliveira, armazém de secos e molhados, localizado na quadra 48, lote 01 da Vila Amaury. Solicitaram um lote comercial na cidade satélite de Sobradinho em 09 de fevereiro de 1960, com reconhecimento de firma feito por Casa São Geraldo, Banco Francês e Brasileiro (atestado para o Geraldo, pois este era cliente do banco), Casa Santo Antônio de Pádua (localizado na vila amaury pertencente a Geraldo Margela). Receberam o direito de compra do lote 03, CL-08, Quadra 05.

Bogoljub Klajic<sup>30</sup>, um iugoslavo que explorava o ramo de açougue na Vila Amaury, fez a solicitação de um lote comercial em Sobradinho em 17 de Fevereiro de 1960. Tendo firma reconhecida por Banco do Estado de Goiás, Armazém Oeste (Brasília), Deposito Planalto (Núcleo Bandeirante), sendo a ele concedido o lote 01, da quadra 09, cl-31A.

Olímpio Gonçalves Pereira<sup>31</sup>, brasileiro e casado. Dono de um negócio de secos e molhados, que movimentava mensalmente Cr\$100.00, localizado na Quadra 02, lote 03 da Vila Amaury. Solicitou um lote na cidade satélite de Sobradinho em 15 de janeiro de 1960, sendo reconhecido como freguês pelos Irmãos Souza & Silva, Nelson Ribeiro Guimarães:

---

<sup>28</sup> NOV-B-10-0210 (2)d

<sup>29</sup> NOV-B-10-0192 (11)d

<sup>30</sup> NOV-B-10-0122 (11)d

<sup>31</sup> NOV-B-10-0118 (58)d

Bebidas por atacado (Núcleo Bandeirante), Banco do Estado de Goiás. Foi concedido a ele o direito de compra do lote 03, CL-28, quadra 10 em Sobradinho.

Lazaro Antonio Ribeiro<sup>32</sup>, brasileiro, casado com Manoela Rosa de Santana. Proprietário do Bar e Restaurante Progresso, localizado no lote 17, quadra 34 da Vila Amaury. Em 14 de janeiro de 1960, solicitou um lote comercial em Sobradinho, que lhe foi concedido o direito de compra do lote 01, CL-12, Quadra 02. Foi reconhecido como cliente por Banco da lavoura de Minas Gerais, A Siriana (Brasília) e Casa irmãos Ramos (Anápolis).

Moura & Ribeiro LTDA<sup>33</sup>, chamada de “Casa Nordestina”, uma loja de tecidos comandada por Eraclito Ribeiro e Edmar Moura, localizada na quadra 29, lote 11 da Vila Amaury. A firma movimentou um capital de Cr\$800.000 (Oitocentos mil cruzeiros). Clientes e atestados cliente de Tecidos Tita, com matriz em Goiânia e Banco de Crédito Real de Minas Gerais (Consta apenas Edmar Moura como cliente do banco). Solicitaram, em 09 de janeiro de 1960, um lote na cidade satélite de Sobradinho, tendo recebido a concessão de compra do lote 01, CL-28, quadra 10.

Nos documentos encontrados, as construções são sempre chamadas de “barracos”, pois a grande maioria eram feitas de madeira. Por meio da análise dos documentos encontrados no arquivo público do DF, vemos um número expressivo de estrangeiros presentes na Vila Amaury, levando em conta que foi trabalhado aqui um número limitado de pessoas, sendo elas comerciantes. Sendo o único açougue encontrado, pertencente a um iugoslavo (Bogloujub Klajic) e um dentre os sete armazéns pertenceu a um italiano (Paolo Farina). Um grego (João Fotios) trabalhando com roupas feitas, sendo a única loja com essa oferta, através da presença dos comércios, que havia na ocupação uma maior inclinação as roupas feitas em casa, pois haviam duas lojas de tecidos e uma loja voltada para máquinas de costuras, que trabalhava também com aparelhos elétricos.

### **Trabalho informal**

Para além dos motivos anteriormente citados, a respeito da ocupação do leito do Rio Paranoá, como o clima extremamente seco de Brasília é agravado com a fase de grandes canteiros de obras, sem arborização e muita poeira no coração do Brasil. É importante falarmos sobre o trabalho das lavadeiras, que é bastante citado nas fontes orais. As mulheres que não tinham tantas oportunidades de trabalho acabavam se voltando para o serviço de

---

<sup>32</sup> NOV-B-10-0117 (8)d

<sup>33</sup> NOV-B-10-0128 (21)d

limpeza principalmente, como vimos o caso de Antonia Izabel de Oliveira (Esposa do comerciante Benedito de Oliveira), que era doméstica. O Rio Paranoá era de grande importância para essas mulheres, pois era seu meio de trabalho.

“Esse tempo era na Vila Amaury. Aonde é o Comando Naval hoje, por ali que eu morava... E tinha os alojamento (...) E nós não tinha água, eu não tinha marido, eu não tinha filho, eu não tinha assim, para pagar, nem para... eu tinha que ter água para lavar roupa de ganho, eu não tinha outra alternativa, eu não estava nesse tempo, eu não estava mexendo com venda de comida... só era homem, só de homem. Mas sabe o que eu fiz? Ai arranjei um, estava criando esse filho novo, eu não tinha como fazer, eu tinha que trabalhar, lavar roupa em casa para trazer água para os meus filhos... eu não tinha como fazer, mas eu não tinha quem me desse água. No alojamento só entrava homem, só tinha senhor... parou perto de um rapaz por nome... um piauiense, dizia para mim: "Dona Suzana, eu arranjo roupa para senhora lavar, mas como a senhora lava se a senhora não tem água?" "Pode deixar, arruma uma roupa dos alojamento para mim que eu me responsabilizo com a água." Sabe o que eu fiz? Eu pegava roupa dos caboclo que ia para lá... uns macacão bem cheio de graxa dos cara que eram do elevador Atlas (...)"<sup>34</sup>.

No relato da Dona Suzana<sup>35</sup>, vemos o desespero para que pudesse conseguir um trabalho. Ela estava grávida de seu filho Haroldo e precisava se sustentar e sustentar a criança. Suzana chegou a trabalhar com limpeza, lavava e passava roupa, chegou até a produzir marmitas para vender no Senado. Foi parar na Vila Amaury, pois não tinha onde morar e uma conhecida a avisou sobre uma casa abandonada. Ela conta ainda que ficou na vila por quatro meses, com quem aparenta ser sua segunda filha, de apenas 1 ano de idade, até que as águas subissem e não fosse mais viável permanecer na vila. Então ela teve de partir para um local que não possuía água por perto e que conta que tinha muita dificuldade para criar a filha, por conta da limitação de acesso à água.

---

<sup>34</sup> MENDONÇA, Suzana Conceição. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 36 p.

<sup>35</sup> MENDONÇA, Suzana Conceição. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 36 p.

**Imagem 6: Lavadoras na orla.**



Fonte: Autor desconhecido.

## **Socialização**

Em uma vila com as proporções de uma cidade, uma das questões que podemos trazer para reflexão é sobre as formas de socialização dentro da Vila e também fora de lá. Chalhoub<sup>36</sup>, discute no livro “Lar, trabalho e botequim”, sobre as socializações dos trabalhadores no Rio de Janeiro no início do século XX, o autor usa dos diversos casos de assassinato para falar sobre as relações dos trabalhadores com a bebida e as disputas por trabalho e amores. Ribeiro mostra que aqui na capital a realidade era a mesma, a socialização era baseada em: bebida e prostíbulos. A Vila Amaury também é cruzada por essas questões de violência e principalmente sobre a bebida. Vimos na parte do comércio um total de quatro lojas de “secos e molhados”, o termo “molhados” se refere às bebidas alcoólicas, sendo um nome popular no Brasil desde o século XVIII, dentro da Vila havia também o bar e restaurante “progresso”, além de diversos bares que havia na Cidade Livre, que lotavam em dia de pagamento. No depoimento de Dona Suzana, ela conta um caso de um assassinato a facada, que aconteceu na porta da casa dela, que ficava de frente para um bar, episódio

---

<sup>36</sup> CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2001, Editora da Unicamp.

assustador para ela, que estava grávida e tinha também uma filha ainda muito pequena. Foi nesse contexto de muitas brigas e mortes que criaram a GEB, para lidar com esses casos de conflitos individuais e lidavam lidavam também em controlar as revoltas dos trabalhadores.

Uma das formas de socialização popular no DF, que aparece nas fontes orais e que também virou tema de um documentário chamado “A saga das candangas invisíveis”<sup>37</sup>, dirigido por Denise Caputo, foi o prostíbulo do Núcleo Bandeirante, chamavam de “zona boêmia”, local que atraía centenas de homens todos finais de semana e principalmente em dia de pagamento. No relato oral de Carlito Alves Rodrigues<sup>38</sup>, conta que eles saíam da Vila Amaury às cinco horas da manhã, faziam uma caminhada que durava entre três e quatro horas, para chegarem nesse bordel.

Apesar de bastante escassas, haviam outras formas de diversão na Vila Amaury, Severino Manoel dos Santos<sup>39</sup> conta que havia alguns parques de diversão que ficavam na vila e outro na Cidade Livre, chegava também na vila o circo, mas esse não era fixo, vinha esporadicamente. Severino fala que essas eram as únicas formas de lazer que estavam disponíveis àquela população, bebida, jogatina, setor boêmio e parque de diversões.

#### **Imagem 7: Roda gigante na Vila Amaury.**

---

<sup>37</sup> <https://youtu.be/ydj6oWLkfZQ>

<sup>38</sup> RODRIGUES, Carlito Alves. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 13p.

<sup>39</sup> SANTOS, Severino Manoel dos. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 18 p.





Fonte: Autor não informado.

### **Realocação**

No dia 12 de setembro de 1959, as comportas do Lago Paranoá foram fechadas, iniciando a inundação e o esvaziamento da Vila Amaury. Amaury Almeida, funcionário da NOVACAP, havia feito acordos políticos para conseguir a realocação dos moradores para as cidades satélites que estavam em construção dentro do Distrito Federal. Vemos nesses relatos do operário Clementino e no recorte de jornal do Correio Braziliense, que Amaury Almeida tinha interesses políticos e se aproveitou da Vila, colocando seu nome nela, para se aproximar dos moradores da Vila e angariar certo prestígio.

“Então levou o nome de Vila Amaury; aqui antigamente sabe que aqui chamava Vila Amaury? Era porque o engenheiro que saiu lá do Ipase, chamava Amaury, é porque ele era engenheiro então colocaram o nome na vila de Vila Amaury. Tirou o nome da Areia, Vila Areia pôs Amaury. Ah, mas aí depois que aquela população de gente, aquela população muito grande, tinha de tudo aí você não precisava mais ir na Cidade Livre pra comprar nada.”<sup>40</sup>

“O primeiro deles foi um golpe sentimental. Criaram a Vila Sarah Kubitschek, próxima à "Cidade Livre", e acabaram viabilizando a criação de Taguatinga. Fizeram em seguida a Vila Amaury, próxima ao acampamento das empreiteiras, e forçaram a criação de Sobradinho mediante um eficiente lobby no Congresso. O tal Amaury era ligado ao PTB de Jango, então vice-presidente. A associação de interesses do incipiente empresariado do comércio com os trabalhadores da construção (Marx, com a questão da luta de classes, ficaria ruborizado!) transformou a "Cidade Livre" no Núcleo Bandeirante. Assim, materializou-se a intervenção dos pioneiros construtores: a criação das cidades-satélites”<sup>41</sup>.

Nos arquivos vemos a movimentação desses moradores para sair da ocupação e mudarem para as cidades satélites de Sobradinho, Taguatinga e Gama, que foram os principais

---

<sup>40</sup> CÂNDIDO, Clementino. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 27 p.

<sup>41</sup> FCDF-A-A-1-H-0897 (2)d- Arquivo público do Distrito Federal.



destinos dessa população. Dentre os comerciantes, todos os citados neste trabalho receberam a concessão de compra de um lote comercial na cidade de Sobradinho. Natalino Cavalcante de Melo<sup>42</sup>, um entrevistado pelo arquivo público do DF, conta que Sobradinho era inicialmente uma cidade pacata, que foram chegando primeiro os comerciantes. Depois começaram a chegar o restante da população, estes tinham certa aversão à cidade, pois ainda não havia transporte público, luz e estrada. Povoaram Sobradinho as famílias da Vila Amaury, Vila dos Sarrafos, Vila dos Afogados e do Tamboril.

A saída foi da noite para o dia, as águas subiam e invadiam as casas e os moradores não tinham nenhuma escapatória que não fosse abandonar seus barracos e ir para outra cidade. Suzana Conceição Mendonça conta que a polícia tentou agir na derrubada dos barracos, para destruir tudo ali, para as águas subirem. Porém não foram removidos todos os barracos, bastante coisa ficou para trás, é o que podemos ver no documentário “Brasília submersa”<sup>43</sup> de Beto Barata.

### **Organização da Vila**

**Imagem 8: Recorte de imagem da Vila Amaury.**



Fonte: Autor não informado.

No fundo da imagem, podemos ver o congresso nacional e o palácio do planalto ao fundo da Vila Amaury. Bastante vegetação do cerrado ainda entre a ocupação e as estruturas sobressalentes na imagem. O contraste entre a favela, feita de milhares de barracos de madeira

---

<sup>42</sup> MELO, Natalino Cavalcante de. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 68 p.

<sup>43</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=k0n3EhmbRU4>

e ao fundo os prédios da mais moderna arquitetura, produzida por Oscar Niemeyer.

**Imagem 9: Recorte de imagem.**



Fonte: Autor não informado.

Nos registros dos comércios vimos como a Vila era extensa e bastante complexa, se tratando de dezenas de ruas, quadras e lotes. Nesse recorte de imagem podemos visualizar algumas ruas e centenas de barracos presente em uma malha densa de ruas e divisões. As ruas eram de terra batida, não havia asfalto ou algo do tipo, fator que corrobora com a poeira.

**Imagem 10: Recorte de imagem da Vila Amaury.**



Fonte: Autor não informado.

Há presença de esgoto correndo a céu aberto, entulho e muitos pedaços de madeiras usados como cercas para o quintal dos barracos. E todos os barracos são muito simples, precários, mostrando qual era a realidade da vida dos operários e outros trabalhadores que moravam ali na ocupação. Na imagem vemos quatro crianças da vila e uma senhora sorrindo para a foto. À esquerda é possível visualizar a roda gigante de um dos parques que foram

citados como lazer da população.

**Imagem 11: Escombros da Vila Amaury.**



Fonte: Imagem de autoria de Beto Barata.

**Imagem 12: Escombros da Vila Amaury.**



Fonte: Imagem de autoria de Beto Barata.

**Imagem 13: Escombros da Vila Amaury.**





Fonte: Imagem de autoria de Beto Barata.

**Imagem 14: Escombros da Vila Amaury.**



Fonte: Imagem de autoria de Beto Barata.

## Conclusão

A Vila Amaury se tornou um tipo de “lenda urbana” brasileira, quando as águas do Lago Paranoá subiram e engoliram a vila, não apagou a invasão apenas do mapa de Brasília, mas também do imaginário das pessoas. Este trabalho é a tentativa de trazer a Vila Amaury e contar a histórias das pessoas comuns que moravam na vila, como que viviam lá e o foco principal é falar sobre a população que morava e ocupava a vila no cotidiano, quando os operários saíam para os canteiros de obras, ficavam diversas pessoas na vila fazendo atividades variadas.

Dentre as Vilas que existiam em Brasília, algumas delas tiveram um movimento pró-fixação que foi bem sucedido, a exemplo o Núcleo Bandeirante que em 25 de outubro de 1989, por meio da Lei nº 49, o Núcleo Bandeirante foi oficializado como a oitava região administrativa do DF e a Vila Paranoá configurava como sétima região administrativa, de acordo com Lei nº 4.545/1964 e ter conquistado a fixação por meio do Decreto nº 11.208/1988.

Enquanto as outras vilas lutaram por fixação, a luta da população da Vila Amaury era em receber um lote em uma Região Administrativa, as chamadas cidades satélites, para que pudessem ser realocados durante a enchente do lago. No meio dessa luta política, surgiu uma figura importante para a história da Vila, Amaury Almeida, funcionário da NOVACAP e ligado ao PTB, conseguiu firmar acordos para que a população saísse da vila com destino certo para habitação. Amaury foi tão importante para a história da vila, que o nome da vila foi mudado em sua homenagem.

A escolha pelo local que a vila foi construída também não é por acaso, levantada onde seria construído o Lago Paranoá, ao que parece ter sido idéia de Israel Pinheiro (Primeiro prefeito do Distrito Federal), a vila seria erradicada assim que as águas subissem, tirando as famílias dali e trazendo um novo cenário à Brasília, sai a favela e entra um enorme espelho d'água.

O problema de habitação em Brasília foi bastante recorrente como podemos ver pela criação de outras ocupações, como a Vila Paranoá e a Cidade Livre citadas acima. As questões por trás disso são as grandes massas que migraram para Brasília a procura de trabalho, que não encontraram acampamentos de empreiteiras para que pudessem se alojar, mas também quando teve a troca do governo de Juscelino Kubitschek para Jânio Quadros, em 1961, aconteceu uma grande crise e muitos ficaram desempregados.

Para além das migrações vindas do Nordeste brasileiro e do Goiás, notamos um

número expressivo de imigrantes na vila. Vindos da Europa, Bogoljub Klajic, Paolo Farina e João Fotios Paraskevoupoulos, trabalhavam com comércio diversificado na Vila Amaury, é interessante pontuarmos que a construção de Brasília não foi atrativo apenas para as regiões desfavorecidas do Brasil, mas para estrangeiros também.

Ainda sobre o comércio, que é a parte central deste artigo, os comerciantes caracterizam uma classe um pouco diferente daqueles demais da vila, possuíam uma condição econômica um pouco mais elevada e dentro de um contexto de pobreza, esses podiam ser considerados uma classe “avantajada”.

É importante salientarmos também a diversidade de comércios encontrados nas fontes, presença de armazéns, lojas de secos e molhados, padaria, açougue, lojas de tecido, loja de roupas feitas e até de máquinas de costura e aparelhos eletrônicos. O comércio dentro da Vila Amaury era variado, buscando atender as demandas da população.

Não cabe a este artigo abordar toda a complexidade do trabalho das mulheres no século XX e em um local de tamanha disparidade econômica, como era Brasília. A estratificação social gritante, pois enquanto uns viviam em uma favela, haviam os engenheiros, políticos e donos de empreiteiras que quando visitavam a capital ficavam em hotéis com presença de garotas de programa de luxo.

O trabalho das mulheres pobres (e muitas delas negras) é quase sempre voltado para o doméstico e a limpeza, como bem trata Lélia Gonzalez<sup>44</sup> “Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha”. Sobre a exploração sexual na capital, foi citado rapidamente, porém é indispensável falar, já que está nas fontes e movimentava uma gama de trabalhadores até a Cidade Livre atrás desses “serviços”.

Através deste artigo tentei mostrar a complexidade da Vila Amaury, a população era diversa mesmo escondida atrás dos barracos de madeira. Não podemos ver a vila com um olhar homogêneo, pois não era. Devemos também discutir sobre o apagamento da história da Vila Amaury, que não é tão citada quanto a Vila Planalto, por exemplo, quando se fala dos candangos durante a construção de Brasília. Voltar a Vila Amaury para a discussão de Brasília e conhecer os moradores, mesmo estando limitado às poucas fontes encontradas e a poucos nomes, vamos aos poucos desvendando as histórias escondidas embaixo do Lago Paranoá.

## **BIBLIOGRAFIA**

---

<sup>44</sup>GONZALES, Lélia. RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

PAVIANI, Aldo. A metrópole terciária. In: BICCA, Paulo; PAVIANI, Aldo. Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, SP: Projeto Editores Associados, Brasília, DF: CNPq, 1985. p. 57-80.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O capital da esperança. 2008, editora UNB.

NEIVA, Ivany Câmara. Uma cidade encantada: Memórias da Vila Amaury em Brasília. 2017.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2001, Editora da Unicamp.

GONZALES, Lélia. RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

BERÇOTT, Angelina Nardelli Quaglia. História urbana da orla do Paranoá. 2017.

VILAS BOAS, Guilherme Silveira Braga. Navegando no Lago Paranoá: Brasília e seus moradores. UNB, 2016

MOURÃO, Tânia Fontenelle. Memórias Femininas da Construção de Brasília: Narrativas a partir do filme Poeira e Batom – A humanização do monumental (1957/1964) / Tânia Maria Fontenele Mourão – Brasília: UnB, 2022. 234 f.: il.

## **DEPOIMENTOS ORAIS**

AYRES, Walter Pereira. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 44 p.

TIEMANN, Nelson Ângelo. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1995. 2x p.  
NOV-D-4-3-0039 (40)d. Arquivo público do DF.

CÂNDIDO, Clementino. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 27 p

LACERDA, Cesar Trajano de. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 16p.

MENDONÇA, Suzana Conceição. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 36 p.

RODRIGUES, Carlito Alves. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2000. 13p.

SANTOS, Severino Manoel dos. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 18 p.

MELO, Natalino Cavalcante de. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 68 p.

## **DOCUMENTAÇÃO**

FCDF-A-A-1-H-0897 (2)d- Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-D-3-4(40)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0117 (9)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0123 (18)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0195 (10)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0133 (2)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0210 (1)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0210 (18)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0200 (16)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0127 (16)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0194 (7)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0129 (30)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0210 (2)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0192 (11)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0122 (11)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0118 (58)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0117 (8)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0128 (21)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-D-3-4(40)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0117 (9)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0123 (18)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0195 (10)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0133 (2)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0210 (1)d. Arquivo público do Distrito Federal.



NOV-B-10-0210 (18)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0200 (16)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0127 (16)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0194 (7)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0129 (30)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0210 (2)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0192 (11)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0122 (11)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0118 (58)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0117 (8)d. Arquivo público do Distrito Federal.

NOV-B-10-0128 (21)d. Arquivo público do Distrito Federal.

## **VÍDEOS**

BARATA, Beto. Projeto Brasília Submersa de autoria do fotógrafo e mergulhador Beto Barata. Brasília/ DF - 2010. <https://www.youtube.com/watch?v=k0n3EhmbRU4&t=1s>

CAPUTO, Denise. A saga das candangas invisíveis. Cor, 35mm, 15 minutos, 2008, DF (documentário). <https://www.youtube.com/watch?v=ydj6oWLkfZQ>